

XI Iberian Conference on Rural Studies Smart and Inclusive Development in Rural Areas 13-15 October, 2016, Vila Real, Portugal

A Segunda Vida da Praia dos Espanhóis: Dançarinos, Pescadores e Turistas no Sul de Portugal.

Emma Pires

Universidade de Évora, IHC-CEHFCi-UÉ & Universidade de Brasília | epires@uevora.pt

Ana Teresa Real Urbano

ISCTE-IUL | anateresareal@gmail.com

Maria Elisa Rodrigues

Investigadora Independente | m.elisa.g.rodrigues@gmail.com

Abstract: In this text, we deal with processes of appropriation of space in the Dam of Póvoa (Portugal) using a dwelling perspective (Ingold 2009) over the territory. The reconversion of inactive spaces in rural areas into leisure-related ones is a quite common practice in contemporary times. The *Spaniards beach* is one of the local names given by locals to the Dam of Póvoa (Castelo de Vide), in northern Alentejo (Portugal). In the collective memory of the residents, the Dam (built in the 1920's) is remembered for the many flowers surrounding the area. This Garden-style aesthetics has outlived the initial function of the Dam (to produce electric power). From the 1960's to the 1980's, it was also a popular leisure space for Spanish and Portuguese people. It is not a beach, but being inland, it was the closest thing to a beach the residents had. The centrality of this leisure space in the area only decayed after the construction of swimming pools in the nearby towns. Early in the beginning of 21st century a fire destroyed part of the natural floral landscape of the dam. Abandoned for some years, the place has still been appropriated by leisured people in day-trips (for sight-seeing, pic-nics), fishing competitions, caravan sojourns, and, since 2013, in a music and dance festival named *Andanças* (www.andancas.net). The research that underlies this paper was carried out between 2013 and 2016 by a team of anthropologists. An ethnography of the Dam and its uses, and of the festival and its participants was carried out. In our working-paper we highlight the main research findings achieved.

Key-words: Leisure; Landscape; Tourism; Music; Space; Portugal.

Este texto apresenta resultados preliminares de um projecto de investigação-acção intitulado *Lazer, Turismo e Apropriações do Espaço no Alto Alentejo* (Portugal), com o objectivo de etnografar espaços e práticas de lazer na Barragem de Póvoa e Meadas (Castelo de Vide) no distrito de Portalegre. A recolha de dados decorreu entre 2013 e 2015 e a investigação foi alicerçada metodologicamente em etnografia, pesquisa documental e entrevistas exploratórias. Esta pesquisa é teoricamente informada pela 'dwelling perspective' proposta por Ingold (2011), seguindo o conceito de Heidegger de *dwell* como um construir-habitar-pensar. Na 'dwelling perspective' o foco incide sobre a maneira como as pessoas habitam o mundo (os espaços), sendo as relações que se tecem nesse processo de habitar que interessa estudar. Ou seja, o foco não se coloca no sujeito/objeto, mas nas relações, nos caminhos, nas teias de ligações entre

eles. Nesta abordagem as relações têm pois precedência epistemológica. Situada no Alto Alentejo, nas bordas da Serra de São Mamede perto da aldeia de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide, a Barragem de Póvoa, inaugurada em 1927, foi construída com o objectivo de produzir energia através da força das águas — a hulha branca — e, desta forma, trazer progresso e desenvolvimento para a região. Apesar do principal objectivo da construção da barragem ter sido a produção de electricidade, a maneira como o espaço envolvente foi concebido revela já a ideia, uma ideia pioneira, da barragem como um potencial espaço de fruição e de lazer, apto a receber visitantes e turistas. No espaço foram plantadas árvores e flores de diversas espécies como o carvalho francês, o carvalho americano, as rubíneas, as amieiras, as oliveiras e as tílias. Um pouco acima da Central foi construído um lago em cascata, cheio de peixes vermelhos, rodeado por zonas ajardinadas onde se destacavam as hortênsias e as camélias. Foram construídas ainda algumas estruturas de apoio aos visitantes, como mesas para refeições e piqueniques e, mais tarde, casas de banho públicas e uma cozinha comunitária. A existência de jardineiros no quadro de pessoal permanente até aos anos setenta, confirma a importância da dimensão estética e paisagística, o dever turístico do lugar, um lugar que se tem vindo a confirmar como um pólo de atracção de vida social local. A vocação turística da Barragem é também expressa em postais ilustrados antigos como o que apresentamos infra (imagem 1):

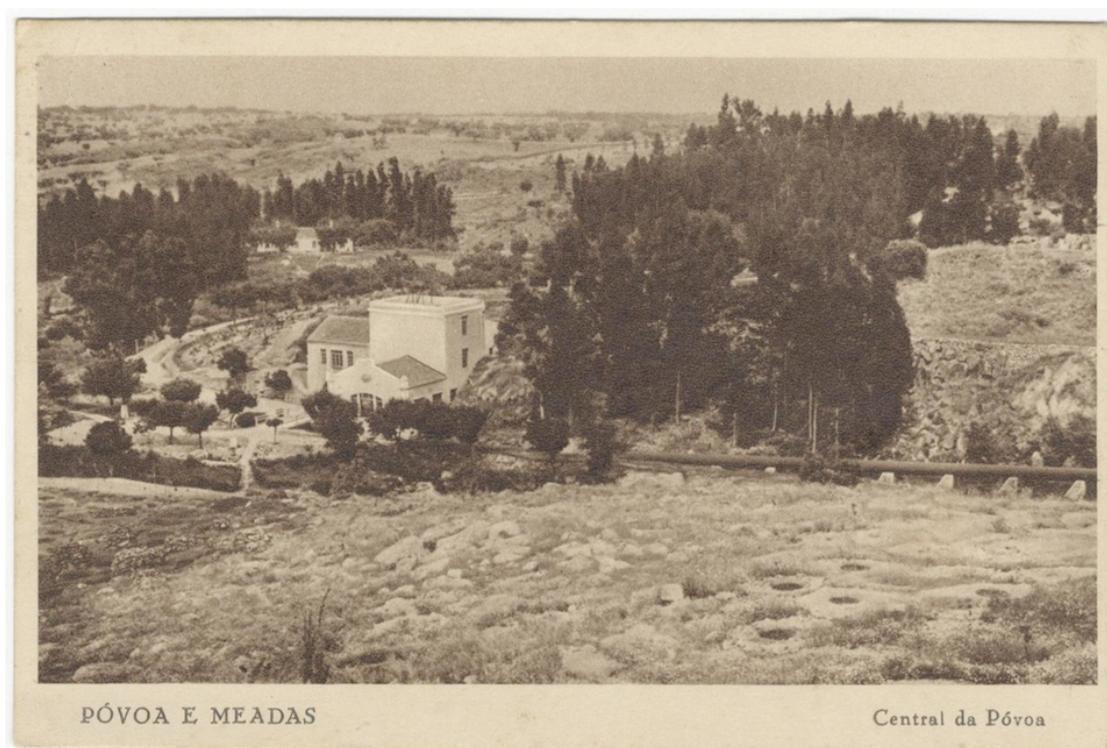


Imagem 1. Central da Póvoa.

Fonte: Postais CMCV / Colecção Municipal de Postais (em fase de registo e inventariação)

A barragem como espaço social de encontros e de lazer

Os resultados da investigação já realizada (Real 2016) mostram-nos que o lugar da Barragem da Póvoa começou a ser foco das atenções a partir do momento em que as obras começaram no terreno em 1924, materializados em passeios das pessoas da região para satisfazer a curiosidade e transformando a barragem num lugar de romaria. Nos anos trinta, Custódio Nunes (o engenheiro e ideólogo da barragem) já proclamava o papel que aquela estrutura poderia ter na dinamização do turismo da região, num artigo em que firmava que era necessário «criar motivos de beleza que proporcionassem ao turista, ávido de impressões novas, inesquecíveis horas de prazer espiritual» (Nunes, s.a: 38). Em 1936, Américo Pavia, redige um série de artigos publicados no jornal alentejano *A Rabeca*, a que deu o título «A Barragem — Ponto de Turismo» (Ralo, 1995: 76). Neles exalta a grandiosa obra da Hidroeléctrica e o seu valor turístico para a região. Pavia classifica a barragem como um «monumento grandioso» que devia passar a fazer parte do roteiro turístico do Alto Alentejo. Já nessa altura se nota o «constante corrupio turístico (...) em que a barragem se transforma durante os meses de julho, agosto e setembro, «onde, de norte a sul do país, ali ocorria gente demorada de justificada curiosidade» (Ralo, 1995: 76). Com o decorrer dos anos, o movimento de visitantes não esmoreceu, pelo contrário, até cresceu, a ponto de nas décadas de setenta e oitenta «a grande afluência de portugueses e espanhóis ao fim de semana dar a impressão de que a barragem se tratava, afinal de uma praia, [onde] a água na sequiosa zona, a luxúria da vegetação e os jardins cuidadosamente tratados proporcionavam aos visitantes o bem-estar ideal para os momentos de lazer» (Ralo, 1994: 48). A partir da década de cinquenta, com o início da construção das grandes hidroeléctricas, a Barragem da Póvoa começa a perder relevância como produtora de energia eléctrica. Inversamente, é a partir desta altura que as actividades turísticas de convívio e de lazer começam a ser preponderantes. Contudo, só na década de setenta é que a barragem adquire verdadeiramente a dimensão de lugar de veraneio a ponto de a «grande afluência de portugueses e espanhóis ao fim de semana dar a impressão de que de uma praia se tratava» (Ralo, 1994: 48). Começaram a surgir diversas actividades comerciais na

zona da barragem como, por exemplo, a venda ambulante de bebidas. Começaram também a chegar turistas de mais longe, normalmente campistas, tanto portugueses como franceses e alemães, que acampavam à volta da albufeira.

A barragem como espaço social de encontros e de lazer para as pessoas da região

O processo de apropriação do espaço da barragem pelas pessoas da região, especialmente da aldeia da Póvoa e Meadas, como espaço social de encontros e de lazer, vai trazendo para a barragem diversas actividades. Logo no início da construção da barragem o lugar atraiu os miúdos da aldeia tornando-o num lugar de brincadeiras, muitas vezes à revelia do controle dos pais. Também a Segunda-feira de Páscoa, feriado municipal do concelho de Castelo de Vide, passou a ser festejado na barragem passando mesmo a ser conhecido na Póvoa e Meadas como o dia da barragem. Nesse dia as pessoas iam fazer piqueniques à barragem em que o borrego era o prato principal, muitas vezes os restos de borrego da véspera. Havia sempre grandes bailaricos e era comum arranjar-se namoro. Especialmente os mais jovens ainda hoje referem com grande entusiasmo os passeios à barragem, a pé ou de bicicleta. A barragem era também um lugar obrigatório sempre que os emigrantes locais regressava em férias no verão, especialmente os mais jovens.

Também para os rapazes da Póvoa, a barragem se tornou um lugar especial onde se ia antes de «tirar sortes» tomar um banho e fazer a festa. Tal como na segunda-feira de Páscoa, o espaço da barragem foi integrado numa prática ritual da comunidade. A presença da água (que permitia o banho) e o facto de o lugar ser fora da aldeia (um lugar nas margens) tornavam a barragem particularmente propícia para o efeito.

No princípio do século XXI a barragem sofre um período de abandono visível na degradação do espaço envolvente. Em 2013 deu-se pela primeira vez a realização do Festival Andanças no espaço da barragem dando um novo alento ao lugar, mostrando que o espaço continua vivo e dialogante, como em seguida se anota.

Andanças na Barragem: apropriações recentes

O Andanças (www.andancas.net) é um festival de música e dança organizado há 20 anos em Portugal. Sob tutela da Associação PédeXumbo (com sede em Évora), o festival tem geralmente lugar em Agosto durante uma semana e atrai milhares de pessoas interessadas em músicas e danças do mundo. Em 2013, o festival passou a ter lugar no espaço da Barragem de Póvoa e Meadas. De acordo com a investigação

realizada (Rodrigues 2014) consideramos que o Andanças serviu como uma forma de regenerar o caráter social e coletivo que esta barragem tem de agregar a comunidade local em seu torno, demonstrado no processo único, fulcral e incrível de financiar a sua construção. E agora é também um recurso festivo através do qual a população de Póvoa e Meadas se auxilia para garantir a sua experiência de memória coletiva do espaço da barragem, ao mesmo tempo que o festival tem um efeito positivo ao gerar rendimentos adicionais na economia na aldeia e do concelho. Entrevistas realizadas em 2014 aos organizadores do festival Andanças corroboram a apreciação positiva do impacto do festival no território, e da relação com a comunidade local de Póvoa e Castelo de Vide (Rodrigues 2014). Sendo assim, a apropriação social do espaço da barragem tanto pelo festival Andanças como pela população de Póvoa e Meadas conferiu, por isso, a este mesmo espaço o significado de lugar e identidade, atribuindo-lhe poder, pois todo o comportamento é localizado e construído a partir dos e com os espaços, o que justifica porque muitos estudos têm como referência o conceito de lugar. Caminhar através do espaço do festival Andanças é percorrer caminhos que no passado foram os dos trabalhadores da Central da Póvoa, ou os dos visitantes vindos da região ou de Espanha. Mas, nos dias de realização do festival, novos usuários apropriam o espaço: os participantes do festival. Motivados por uma experiência de festival de música e de dança do mundo, têm origens residenciais maioritariamente urbanas, e contactam com o território através da música e da dança, em actividades intermediadas por outros participantes e por voluntários da organização. Nestes dias de festival, os espaços habitualmente silenciosos do território, transfiguram-se de sons múltiplos e de cores várias, numa rotina que ocupa quase as 24 horas do dia em sessões formais e informais de concertos e bailes. A equipa de organização do festival prepara anualmente uma programação com músicas e danças locais, no âmbito do qual são convidados os grupos de folclore e as bandas filarmónicas existentes no concelho. Estes momentos de interação (ainda que fugazes) entre participantes e residentes, parecem construir uma zona de contacto que estreita os mundos sociais a que ambos os grupos pertencem quotidianamente.

Balanço em aberto

Nesta zona de contacto de um tempo extra-ordinário que é o festival, o local da Barragem, outrora emudecido, ganha agora novos usos sociais e, argumentamos nós,

uma segunda vida, pelo seu uso renovado, não já enquanto espaço de produção de energia mas de produção e manifestação artística.

Ao longo desta investigação etnográfamos, de um modo exploratório e processual, os usos que diacronicamente a Barragem da Póvoa tem tido, enquanto espaço de lazer e de turismo. Inspiradas por Tim Ingold (2011), a nossa própria experiência participante de caminhar através destes territórios ensina-nos que um espaço, seja ele qual for, habitado por seres vivos (humanos e/ou não humanos), como é o caso da Barragem da Póvoa, ainda que possa não ter significado para a maior parte dos seres humanos, para outros – que podem ser pescadores, dançarinos, turistas espanhóis ou residentes – é um ponto estruturante e organizador das suas vidas.

Referências Bibliográficas:

Ingold, Tim. (2011), *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*, London, Routledge.

Nunes, Custódio (s.a.)*, «A Hidro Eléctrica Alto Alentejo», *Terra-Mãe*, (5), pp.38-9.

Ralo, José (1995), *Recordações da Aldeia*, Castelo de Vide, Câmara Municipal.

——— (1994), *Memórias de um Veterinário*, Lisboa, Sindicato Nacional dos Médicos Veterinários.

Rodrigues, Maria Elisa (2014) O Andanças e ‘As Andanças’: um olhar antropológico sobre o espaço do festival pela perspetiva da organização e da população de Póvoa e Meadas [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 15/06/2016] Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/9160>.

Urbano, Ana Teresa Real (2016) Sobre as árvores que nascem das pedras: etnografia da Barragem da Póvoa no Alto Alentejo [1923-2013] [Em linha]. Lisboa: ISCTE, 2016.

Dissertação de mestrado. [Consult. 15/06/2016] Disponível em <http://hdl.handle.net/10071/11349>.